

# A internet como fonte de informação em saúde para pacientes de uma unidade de saúde pública de Anápolis, Goiás

## The internet as a source of information on health for patients of a public health unit of Anápolis, Goiás

Lorena de Oliveira Silva\*, Ana Carla Martins Rodrigues, Gabriela Cavalcante de Lima, Leonardo Oliveira Coelho, Salomão Antônio de Oliveira, Talita Guilarde Torres, Denis Masashi Sugita

Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA, Anápolis-GO-Brasil.

### Resumo

**Objetivo:** O presente estudo teve por objetivo identificar o perfil dos pacientes que procuram informação de saúde na internet, em uma instituição de saúde pública de Anápolis, em janeiro de 2018 a março de 2018, e se essa busca influencia no processo saúde-doença. **Métodos:** Trata-se de estudo transversal, descritivo, de abordagem qualitativa e quantitativa, que analisou a busca de informações de saúde na internet pelos pacientes do Ambulatório Universitário Central, por meio de uma pesquisa de campo realizada mediante entrevista estruturada. **Resultados:** Foram entrevistados 344 pacientes, destes, 307 atenderam aos critérios de inclusão. Cerca de 65% dos pacientes já pesquisaram sobre saúde doença. Neste grupo, houve prevalência do gênero feminino (71,8%), faixa etária de 18 a 28 anos, (87,3%) ensino médio completo (95,2%), renda de 3 a 4 salários mínimos (96%), ausência de comorbidades e pouca utilização do Sistema Único de Saúde. Doenças específicas próprias foi o tema mais procurado em 32,2% dos participantes. **Conclusões:** O presente estudo possibilitou o reconhecimento do perfil dos usuários que buscam informação sobre saúde doença na internet para melhor compreensão acerca do assunto, bem como servirá de base para comparação com outros artigos já publicados no meio científico ou que serão realizados, devido sua relevância na era digital.

### Abstract

**Objective:** The present study aimed to identify the profile of patients seeking health information on the Internet at a public health institution in Anapolis, from January 2018 to March 2018, and whether this search influences the health-disease process. **Methods:** : It is a cross-sectional, descriptive, qualitative and quantitative study that analyzed the search for health information on the internet by patients from the Central University Ambulatory, through a field survey conducted through a structured interview. **Results:** A total of 344 patients were interviewed, of these, 307 met the inclusion criteria. About 65% of patients have already researched about health-illness. In this group, there was a prevalence of female gender (71,8%), age group of 18 to 28 years (87,3%), complete secondary education (95,2%), income of 3 to 4 minimum wages (96%), absence of comorbidities and little use of the Unified Health System. Specific self diseases were the most wanted topic in 32.2% of the participants. **Conclusions:** The present study made it possible to recognize the profile of the users who search of information about health-illness on the internet for a better understanding of the subject, as well as serve as a basis for comparison with other articles already published in the scientific milieu or that will be carried out due to their relevant theme in the digital age.

### Palavras-chave:

Internet.  
Comportamento de busca de informação.  
Informática em saúde.

### Keyword:

Internet. Behavior of information search. Health informatics.

### \*Correspondência para/ Correspondence to:

Lorena de Oliveira Silva: [lorena.deos@gmail.com](mailto:lorena.deos@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

O ano de 1995 marcou o início do uso comercial da internet no Brasil, momento em que a rede passou de privilégio de Universidades e setores privados da sociedade a posse popular. Desde então, seu acesso tem crescido em território nacional, acompanhado da tendência de recorrer à internet como considerável fonte de informação.<sup>1</sup>

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2015, mais da metade da população brasileira já tinha acesso à internet, nesse mesmo ano. Entre os anos de 2005 e 2015, a porcentagem de pessoas em uso da rede aumentou em 36,6%, dado que demonstra o potencial de alcance da internet aos cidadãos brasileiros.<sup>2</sup>

Dessa forma, a presença de computadores em domicílios cresceu em poucos anos, em detrimento do acesso em instituições formais como escolas e ambientes de trabalho. A internet possui características inerentes que favorecem esse fenômeno, como disponibilidade de conteúdo diversificado, entrada anônima e veloz e meios de alcance acessíveis, fato evidenciado pela fabricação de dispositivos portáteis como tablets e smartphones.<sup>1</sup>

Nesse aspecto, houve aumento proporcional na busca ativa por informações sobre saúde e doença na internet, tanto por pacientes quanto por profissionais da saúde. Cidadãos passaram a ter acesso a práticas de prevenção e promoção da saúde fomentadas principalmente por órgãos governamentais. Em outro cenário, pessoas com determinados acometimentos de saúde procuram por ajuda virtual, seja por meio do compartilhamento da história da doença vivenciada, seja pelo acesso a depoimentos de recuperação.<sup>3</sup>

Fenômenos negativos como difusão de conteúdo sem critério de qualidade e massificação dos assuntos médicos também ocorrem e determinam que inúmeras

informações provenham de fontes não confiáveis, desenvolvendo conclusões sem fundamento científico, relacionadas com causas e sintomas de determinada doença, condutas acerca do uso de medicações, tratamento, entre outros conhecimentos.<sup>4</sup>

Desta forma, o presente estudo teve por objetivo identificar o perfil dos pacientes do Ambulatório Universitário Central, em Anápolis, que procuram informação de saúde na internet, no período de janeiro de 2018 a março de 2018, a fim de compreender, de maneira mais detalhada, o cenário exposto, considerando a escassa literatura entre a procura de informações médicas na internet e o público pesquisado.

## MÉTODO

Trata-se de um estudo transversal, descritivo e de abordagem qualitativa e quantitativa, com o propósito de analisar o perfil dos pacientes que utilizam a internet como fonte de informação em saúde, a influência dessa busca na procura médica e quais são as informações mais buscadas nesta área.

O trabalho foi realizado por meio de uma pesquisa de campo com os usuários do Ambulatório Universitário Central (AUC), da cidade de Anápolis, no período de janeiro de 2018 a março de 2018, após assinatura da Declaração de Coparticipação Institucional conferida pelo representante institucional, conforme normas do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da UniEvangélica.

O AUC possui como principal objetivo a formação dos profissionais da área médica, além de possibilitar maior acessibilidade nos atendimentos e serviços médicos para a população. A unidade realiza atendimentos de onze especialidades diferentes. São eles: cardiologia, pneumologia, ginecologia, gastroenterologia, reumatologia, hematologia, dermatologia, endocrinologia, neurologia, nefrologia e pediatria.

O AUC ofereceu assistência, de janeiro de 2017 a março de 2017, à 1176 indivíduos. Para

cálculo da amostra, utilizou-se esta população e a proporção de usuários que utilizam a internet para procura de informações em saúde no Centro-Oeste, 48%, segundo o Comitê Gestor da Internet no Brasil (2016)<sup>5</sup> entre novembro de 2015 e junho de 2016, utilizando a fórmula proposta por Fontelles et al. (2010)<sup>6</sup>, com intervalo de confiança de 95% e erro amostral 5%. Obteve-se uma amostra da pesquisa de 298 indivíduos.

Os critérios de inclusão adotados foram: ser paciente do AUC e maiores de 18 anos. Os critérios de exclusão foram: questionários não preenchidos completamente, discordância com o TCLE, menores de 18 anos e analfabetismo.

Os dias de coleta foram agendados com os representantes institucionais responsáveis pela coordenação de ensino e pesquisa, e teve início em janeiro de 2018.

Os participantes da pesquisa foram recrutados na sala de espera da própria instituição de trabalho e abordados pelos pesquisadores responsáveis. Os que concordaram em participar da pesquisa assinaram o TCLE e foram submetidos a um questionário elaborado para atender os objetivos do estudo, utilizando-se dois questionários pré-existentes elaborados pelos autores Bujnowska-Fedak (2015)<sup>7</sup> e Beck (2014)<sup>8</sup>, adaptados pelos discentes responsáveis pelo presente trabalho.

No questionário solicitou-se informações referentes aos itens: idade, sexo, escolaridade, renda salarial, antecedentes familiares patológicos, antecedentes pessoais patológicos, frequência de busca de informação de saúde na internet, quais foram os temas de saúde pesquisados e busca por medicamentos e consequente automedicação.

O presente estudo, de acordo com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) para análise, aprovado com o Número de Parecer: 2.387.472

Cada participante foi esclarecido sobre o tema do estudo e informado de que em momento algum teria sua identidade mencionada, bem como do direito de desistência da pesquisa a qualquer momento que desejar. Os que concordaram em participar da pesquisa assinaram o TCLE. O participante não teve nenhuma despesa e nenhum tipo de remuneração em participar da pesquisa.

Foi realizada estatística descritiva na forma de média, desvio-padrão, frequência simples e percentual. Os dados foram tabulados pelo software Microsoft Excel<sup>®</sup> de forma a permitir a análise dos dados qualitativos e quantitativos. Os dados foram expressos como frequência e porcentagem. Quando necessário foi realizada a correção Likelihood Ratio. Foi considerado um  $p < 0,05$ . Os dados foram analisados no software Statistical Package Social Science (SPSS Statistics Desktop 25.0.0.0).

## RESULTADOS

Foram entrevistados 344 pacientes do AUC, dentre os quais, 307 questionários atenderam aos critérios de inclusão. Destes, houve predomínio do sexo feminino, correspondendo a 216 (70,4%) pacientes. Além disso, a faixa etária mais prevalente foi entre 40 e 50 anos, com 79 (25,7%) pessoas, seguida dos indivíduos entre 29 e 39 anos, que totalizaram 65 (21,2%) entrevistados. Em relação à escolaridade, a maior parte, 69 (34,7%), possuía o ensino médio completo, seguido daqueles que possuíam ensino fundamental completo ou incompleto ou ensino superior completo (40, 20,1%, para ambos). A renda familiar apresentou variações relevantes entre os participantes, dentre os quais, 92 (30,0%) e 109 (35,5%) pacientes relataram receber até um salário mínimo e de um a dois salários mínimos, respectivamente.

Entre os entrevistados, 158 (51,5%) possuíam comorbidades que os levavam à realização regular de consultas. Em relação à frequência que o paciente utiliza o Sistema Único de Saúde (SUS), houve periodicidade próxima entre aqueles que usavam mensalmente, semestralmente e ocasionalmente, representados por 91 (29,6%),

79 (25,7%) e 82 (26,7%) dos pacientes, nessa ordem.

Entre os entrevistados, 215 (70%) pacientes referiram usar a internet diariamente. Neste grupo, 199 (64,8%) pesquisam sobre o processo saúde-doença na internet e 108 (35,2%) afirmaram não realizar essa busca. Aqueles que não usam a internet para busca de informações médicas, afirmaram, em sua maioria, não ter interesse nesse tipo de informação ou confiar mais no médico do que da internet.

Em relação ao perfil de usuários que mais buscam informações sobre saúde-doença na internet, houve prevalência do gênero feminino, 155 (71,8%), pacientes com idades entre 18 a 28 anos, 48 (87,3%), ensino superior completo 40 (95,2%) e renda salarial entre 3 a 4 salários mínimos, 24 (96%). O público que menos realizou pesquisa contou com o gênero masculino, 44 (48,4%) pacientes, e com mais de 61 anos, representando 16 (27,6%) do total de entrevistados.

Ao avaliar o nível de escolaridade, 72,6% dos pacientes que cursaram ensino médio completo relataram pesquisar sobre saúde e doença na internet. Já entre aqueles com ensino fundamental completo ou incompleto, 40 (37%) realizaram esta prática. Aqueles que concluíram o ensino superior, tiveram a maior porcentagem de busca na internet para esses fins 40 (95,2%).

A renda entre 3 e 4 salários mínimos foi a que apresentou maior prevalência, representada por 24 (96%) pacientes, em contraste com a maior amostra do Ambulatório Universitário Central, 68 (62,4%) pacientes que ganham entre 1 a 2 salários mínimos.

Verificou-se que 112 (75,2%) pacientes que buscam na internet não possuem comorbidades e aqueles que ocasionalmente usam os serviços oferecidos pelo SUS, aparecem como os que mais procuram informações sobre saúde doença, 63 (76,8%) pacientes. Usuários que utilizam o SUS mensalmente apresentaram menor relação com a pesquisa na internet, 50 (54,9%) pacientes. Entre aqueles que pesquisam, 131 (65,8%) pacientes nunca participaram de redes sociais ou fóruns de discussão relacionados à saúde e doença.

Ao relacionar a faixa etária com o uso da internet para pesquisar sobre medicamentos, observou-se que 47 (97,9%) indivíduos entre 18 e 28 anos já realizaram esse tipo de busca. A automedicação após pesquisa na internet também está relacionada com pacientes mais jovens, uma vez que 22 (45,8%) entrevistados entre 18 e 28 anos afirmaram que se automedicaram logo depois de buscar sobre determinado fármaco na internet. A automedicação diminuiu à medida que a faixa etária aumentou, contando com apenas 4 (13,8%) indivíduos de 51 a 60 anos.

No que se refere ao gênero, observou-se que 132 (85,2%) mulheres procuram na internet informações relacionadas a medicamentos, enquanto 36 (81,8%) homens realizam esta prática. Notou-se que 43 (27,7%) pacientes do gênero feminino usam as informações obtidas para se automedicar e 12 (27,3%) homens recorrem às fontes pesquisadas para este fim. Em relação aos assuntos mais pesquisados na internet referentes a gênero e faixa etária, as Tabelas 1 e 2 demonstram os resultados mais relevantes obtidos com a pesquisa.

**TABELA 1** – Relação entre assunto pesquisado na internet e sexo.

	Assunto					Total
	DFP	DEP	CS	NSP	2+	
	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	
<b>Feminino</b>	41 (26,5)	53 (34,2)	43 (27,7)	11 (7,1)	7 (4,5)	155
<b>Masculino</b>	9 (20,4)	11 (25,0)	16 (36,4)	5 (11,4)	3 (6,8)	44
<b>Total</b>	50	64	59	16	10	199

**Legenda:** doenças de filhos e parentes (DFP), doenças específicas próprias (DEP), comportamentos de saúde (CS), notícias de saúde pública (NSP), duas ou mais alternativas escolhidas (2+). Valor  $p < 0,003$ .

FONTE: autores.

**TABELA 2** – Relação entre assunto pesquisado e faixa etária.

Idade (Anos)	Assunto					Total
	DFP	DEP	CS	NSP	2+	
	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	
<b>18-28</b>	12 (25,0)	15 (31,2)	18 (37,5)	2 (4,2)	1 (2,1)	48
<b>29-39</b>	21 (41,2)	11 (21,6)	11 (21,6)	4 (8,3)	4 (8,3)	51
<b>40-50</b>	10 (18,2)	20 (36,4)	18 (32,7)	3 (5,4)	4 (7,3)	55
<b>51-60</b>	5 (17,2)	14 (48,3)	6 (20,7)	3 (10,4)	1 (3,4)	29
<b>&gt; 60</b>	2 (12,5)	4 (25,0)	6 (37,5)	4 (25,0)	0 (0,0)	16
<b>Total</b>	50 (25,1)	64 (32,2)	59 (29,7)	16 (8,0)	10 (5)	199

**Legenda:** doenças de filhos e parentes (DFP), doenças específicas próprias (DEP), comportamentos de saúde (CS), notícias de saúde pública (NSP), duas ou mais alternativas escolhidas (2+). Valor  $p < 0,001$ .

FONTE: autores.

## DISCUSSÃO

Em relação aos resultados obtidos, é possível verificar concordância entre a população em estudo e literaturas previamente

consultadas, as quais afirmam que a maior parte dos pacientes procura na internet informações sobre diversas variáveis referentes ao processo saúde doença.<sup>1</sup> Ao levantar o perfil de uso da internet no processo saúde doença, as mulheres

são as que mais procuram tais informações, assim como o exposto na literatura utilizada. Estudos concluíram taxas ainda mais elevadas entre mulheres com algum distúrbio psicológico, gestantes ou que já são mães. Associa-se a isso o fato de que os sites de busca são ferramentas fáceis e rápidas para aquelas que lidam com situações estressantes e inúmeras atividades cotidianas. Ademais, as mulheres, como cuidadoras do lar, posicionam-se como cuidadoras do bem-estar próprio e de sua família, especialmente dos filhos, fator que torna a internet via de solução importante para o cenário em que a mulher moderna se encontra.<sup>9,10,11</sup>

No contexto geral, a maioria dos entrevistados pesquisa sobre doenças específicas próprias. Associado a isso há a necessidade de buscar por medicamentos utilizados e efeitos adversos, tratamento, sinais e sintomas, e esclarecimento sobre sua doença. Outros estudos também demonstraram a alta prevalência das buscas sobre tratamento médico, informações gerais sobre doença, informações sobre medicamentos, consequências potenciais de tratamentos e diagnóstico de doença.<sup>12</sup>

Ainda em relação à pesquisa dos assuntos em saúde, tem-se divergência de resultados entre os gêneros. Mulheres pesquisam mais sobre doenças específicas próprias. Já o gênero masculino, têm mais interesse em assuntos sobre comportamentos de saúde. Nota-se, portanto, que a população feminina possui significativa preocupação com o estado de doença atual e no âmbito de prevenção e cuidado de outras enfermidades, em concordância com a literatura.<sup>7,8</sup>

Na análise da faixa etária, encontrou-se maior prevalência na busca de informações sobre saúde e doença na população adulta jovem, principalmente naqueles com idades entre 18 a 28 anos. Outros estudos divergiram e demonstraram maior frequência de busca na faixa etária entre 45 e 54 anos. O dado evidencia que a população neste intervalo etário atualmente tem acessado mais às informações

sobre o tema contidas na internet, se comparada com as décadas passadas.<sup>8,13</sup> A população idosa correspondeu à minoria em todas as pesquisas realizadas. O resultado pode estar vinculado à falta de prática, experiência e confiança nos dados da internet por parcela significativa de indivíduos neste grupo.<sup>7</sup>

Sobre o nível de escolaridade, observou-se que os dados encontrados estão de acordo com resultados de estudos previamente realizados, que destacaram maior prevalência de busca na internet entre aqueles que possuíam maior nível de escolaridade.<sup>7,8,14</sup> Uma hipótese a ser levantada é a de que quanto maior o grau de escolaridade do indivíduo, maior a variedade de temas procurados, incluindo buscas para alcançar fins específicos como forma complementar aos estudos e à profissão, por exemplo. Sendo assim, uma vez que é um meio já utilizado para outros objetivos, a busca de informação em saúde-doença é facilitada pelas práticas cotidianas dos pacientes com maior nível de escolaridade.<sup>15</sup>

A renda predominante dos entrevistados entre 3 e 4 salários mínimos foi de acordo com os resultados encontrados por pesquisa anterior que definiu o perfil prevalente de pacientes que procuram a internet incluído na renda salarial entre 2,25 e 4 salários mínimos.<sup>1</sup> Esses dados foram compatíveis com aqueles assinalados pelo estudo de Coscarelli (2017)<sup>16</sup>, que demonstrou relação entre maior renda salarial e nível de educação com maior busca e acesso às informações em saúde.

A baixa relação entre a presença de comorbidades e realização frequente de busca na internet, evidenciado no presente estudo, também foi um dado encontrado por Asan et al. (2018)<sup>17</sup> e Hong e Zhou (2018)<sup>18</sup>, que concluíram que não existe associação significativa entre essas variáveis. No entanto, se contrapõe ao estudo de Bujnowska-Fedak (2015)<sup>7</sup>, o qual destacou a associação, ressaltando a vulnerabilidades desses pacientes e a maior busca por terapêuticas alternativas, diagnósticos diferenciais entre outros aspectos inerentes às suas enfermidades, já que

necessitam compreender de maneira integral sua condição de saúde-doença e se empoderar para as tomadas de decisões perante as estratégias propostas pelo médico.

Os pacientes que mais pesquisam informações sobre saúde doença na internet são aqueles que ocasionalmente utilizam o SUS, sem uma periodicidade na busca por atendimento ou outro apoio no sistema de saúde, assim como foi encontrado por Moretti, Oliveira, Silva (2012)<sup>1</sup> que ressaltaram maior prevalência de busca em saúde na internet entre aqueles que nunca ou raramente usam o Sistema Único de Saúde. Sendo assim, é possível compará-los, uma vez que, determinam ausência de periodicidade no uso do referido serviço de saúde. Em contraposição, os pacientes que menos buscam sobre essas informações na internet relataram usar o SUS semanalmente.

Apesar da maioria dos entrevistados usarem a internet para esclarecer questões relacionadas à saúde, os dados coletados evidenciaram baixa participação em redes sociais ou fóruns de discussão relacionados ao assunto, assim como demonstrado em estudos prévios. Pode-se justificar este fato pela ausência de iniciativas que fomentem a inclusão dessas plataformas digitais em websites médicos brasileiros.<sup>19</sup>

É fundamentado em pesquisas anteriores que plataformas que estimulam a comunicação entre pacientes que vivenciam ou já vivenciaram determinada condição em saúde, fornecem inúmeros benefícios para o público. Entre eles, pode-se destacar a possibilidade de divulgação de terapêuticas recentes e desconhecidas, até mesmo para regiões geográficas distantes de grandes centros, e compartilhamento de depoimentos verídicos sobre os estágios percorridos durante a enfermidade, desde diagnóstico à resolução do quadro, o que permite a outros pacientes acesso amplo a diferentes experiências. Sob esse aspecto, a criação de redes de discussão voltadas para área da saúde poderia trazer benefícios e ser uma ferramenta de apoio importante no processo de resolução da doença.

Esta iniciativa poderia, inclusive, ser fomentada por instituições responsáveis pela divulgação do conteúdo médico assim como por sites voltados para este conteúdo.<sup>19</sup>

A faixa etária evidenciou-se como fator importante para a pesquisa de medicamentos e a automedicação. Entre os entrevistados, foi possível verificar que os mais jovens tendem a pesquisar mais sobre medicamentos e praticar a automedicação em razão de informações obtidas na internet, especialmente pessoas entre 18 e 27 anos, conhecidos como integrantes da “Geração Y”. Isto ocorre porque o ambiente virtual facilita o acesso às informações sobre sintomas, tratamentos disponibilizados e medicamentos, além de oferecer o serviço de venda online de medicamentos, as chamadas e-pharmacies.<sup>20</sup> Desse modo, o fornecimento de conhecimentos básicos sobre doenças e tratamentos e o ensino de como fazer uma avaliação crítica das informações buscadas na internet se fazem necessários em meio a uma sociedade moderna e tecnológica com pacientes proativos no seu processo saúde e doença.

Com o presente artigo, foi possível identificar o perfil dos pacientes do Ambulatório Universitário Central do município de Anápolis, que procuram informações de saúde na internet. Tendo em vista a escassez de artigos científicos relacionados ao tema e a relevância do conteúdo em destaque, o desenvolvimento deste artigo possibilitou compreender, de maneira mais detalhada, o cenário em que essa busca de informações acontece, em conformidade com o objetivo proposto. Assim, este estudo servirá de base para comparação com outros artigos já publicados no meio científico ou que serão realizados, devido sua temática relevante na era digital.

#### DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSE

Sem conflitos de interesse.

**Forma de citar este artigo:** Silva LO, Rodrigues ACM, De Lima GC, Coelho LO, De Oliveira SA, Torres TG, Sugita DM. A internet como fonte de informação em saúde para pacientes de uma

unidade de saúde pública de Anápolis, Goiás. *Rev. Educ. Saúde* 2019; 7 (1): 81-89.

## REFERÊNCIAS

1. Moretti FA, Oliveira FE, Silva EMK. Acesso a informações de saúde na internet: uma questão de saúde pública? *Rev Assoc Med Bras, São Paulo*. 2012; 58(6):650-58.
2. Brasil. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, 2017. (online). Acesso em 30/04/2017. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa\\_resultados.php?id\\_pesquisa=40](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=40).
3. Luque LF, Bau T. Health and Social Media: Perfect Storm of Information. *Healthcare Informatics Research*. South Korea, 2015; 21(2):67-73.
4. Vasconcellos-Silva PR, Castiel LD. As novas tecnologias de autocuidado e os riscos do autodiagnóstico pela Internet. *Rev Panam Salud Publica*. Washington, 2009; 26(2):172-5.
5. Comitê gestor da internet no brasil. TIC Domicílios 2015: Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. São Paulo, p. 337, 2016.
6. Fontelles MJ, Simões MG, Almeida JC, Fontelles RGS. Metodologia da pesquisa: diretrizes para o cálculo do tamanho da amostra. *Rev Paran Med*. 2010; 24(2):57-64.
7. Bujnowska-Fedak MM. Trends in the use of the Internet for health purposes in Poland. *BMC Public Health*. 2015; 15(194):1-17.
8. Beck F, Richard JB, Nguyen-Thanh V, Montagni I, Parizot I, Renahy E. Use of the Internet as a health information resource among french young adults: Results from a nationally representative survey. *Journal of Medical Internet Research*, Toronto. 2014; 16(5):1-13.
9. Araújo TM, Pinho PS, Almeida MMG. Prevalência de transtornos mentais comuns em mulheres e sua relação com as características sociodemográficas e o trabalho doméstico. *Rev. bras. saúde matern. Infant*. 2005; 5(3):337-48.
10. Albertuni PS, Stengel M. Maternidade e novos modos de vida para a mulher contemporânea. *Psicologia em Revista*. 2016; 22(3):709-28.
11. Evcili F. A study on the relationship between internet use, anxiety levels, and quality of life of Turkish pregnant women. *Perspectives in psychiatric care*. 2018;10(1):1-6.
12. GOOGLE. O uso da internet no Brasil para pesquisas sobre saúde, doenças e medicamentos. *Media Screen*; 2008.
13. Yamashita T, Bardor AR, Liu D, Cummins PA. Literacy, Numeracy, and Health Information Seeking Among Middle-Aged and Older Adults in the United States. *Journal of aging and health*. 2018; 1(1):1-16.
14. Feinberg I., Frijters J., Johnson-Lawrence V., Greenberg D., Nightingale E., Moodie C. Examining Associations between Health Information Seeking Behavior and Adult Education Status in the U.S.: An Analysis of the 2012 PIAAC Data. *Plos One*, San Francisco. 2016; 11(2):1-12.
15. CASTRO, E.M. A Internet como Interface na Relação Médico-Paciente: Aliada ou inimiga?. *Arquivos do CRM-PR*. 2015; 32(1):1-12.
16. Coscarelli CV. Letramento digital no Inaf. *Revista Linguagem & Ensino*. 2017; 20(1):154-74.
17. Asan O, Cooper li F, Nagavally S, Walker RJ, Williams JS, Ozieh MN et al. Preferences for Health

- Information Technologies Among US Adults: Analysis of the Health Information National Trends Survey. *Journal of Medical Internet Research*. 2018; 20(10):277-85.
18. Hong YA, Zhou Z. A profile of eHealth behaviors in China: Results from a national survey show a low of usage and significant digital divide. *Frontiers in public health*. 2018; 6(35):1-4.
  19. Primo CC, Dutra PR, Lima EFA, Alvarenga SC, Leite FMC. Redes sociais que apoiam a mulher durante a amamentação. *Cogitare Enfermagem*. 2015; 20(2):422-9.
  20. Bessell TL, Anderson JN, Silagy CA, Hiller JE. Surfing, self-medicating and safety: buying non-prescription and complementary medicines via the internet. *Quality & safety in health care*. 2003; 12(2):88-92.
  21. Coelho EQ, Coelho AQ, Cardoso JED. Informações médicas na internet afetam a relação médico-paciente? *Revista Bioética (Impr.)*, São Paulo. 2013; 21(1):142-9.